

# A representação da criança doente na literatura infanto-juvenil brasileira: estudo de casos

Lilian Heuser\*

---

Como contadora de histórias no projeto *Literatura Infantil e Medicina Pediátrica*: uma aproximação de integração humana, desta Universidade – junto ao setor de Pediatria do Hospital São Lucas da PUCRS –, compreendi o que já havia aprendido na teoria: a importância da literatura na vida das crianças, principalmente daquelas, internas no hospital, a quem a doença apresenta-se como a grande vilã, que nem sempre pode ser vencida e, muitas vezes, impõe sérias limitações.

Tinha o desejo de, assim como no trabalho do projeto, unir literatura infantil e doença. A realidade da criança doente me interessava. Dessa forma nasceu o tema da dissertação de mestrado intitulada *A representação da criança doente na literatura infanto-juvenil brasileira: estudo de casos*, que teve como objetivo descobrir como é representado, na literatura oferecida aos pequenos leitores, tema tão delicado.

Utilizei, como pressupostos teóricos, idéias de especialistas da área da literatura, como Aristóteles, Luiz Costa Lima e Regina Zilberman. Para compreender a imaginação infantil, Bruno Bettelheim e Vigoskii trouxeram grandes contribuições. Estudos de François Laplantine, Cecil Helman, Georges Canguilhem, Peter Maguire e Susan Sontag respaldaram as considerações sobre doença.

---

\* Mestre em Teoria da Literatura / PUCRS.

As sete obras escolhidas para análise representam diferentes situações de doença, em contextos variados e com diversas abordagens e têm como alvo o leitor jovem com idades variadas, desde o leitor inicial – seis a sete anos – até o leitor crítico – doze a quatorze anos. Essa também é a faixa etária à qual pertencem as personagens doentes das histórias. As obras são de autores diferentes, e há variações em relação ao narrador, que em algumas é extradiegético, em outras, intradieético, e há histórias contadas em primeira pessoa.

Ainda foram examinadas outras cinco obras, mesmo que não com muita profundidade, que tratam de doenças iguais às presentes em algumas obras do *corpus*. Essas também são de autores diferentes e possuem variações quanto ao narrador e idade do público a que se destinam.

*Arranhão engavetado*<sup>1</sup> conta como a menina Cristina – que está com o joelho machucado e dolorido e quer ir à praia brincar na água do mar – consegue, com muita imaginação e fantasia, solucionar seu problema. A pequena, que tem em torno de seis anos de idade, trava diálogos com o machucado, que ganha voz humana, e propõe que ele fique na gaveta do criado-mudo, nadando em um prato cheio de mercurocromo, enquanto ela aproveita a praia, com os joelhos sãos. Cristina sabe que essa é uma solução temporária e que, ao voltar da praia, o machucado deve retornar para seu joelho. Mas tem uma surpresa, pois encontra na gaveta apenas o prato vazio e um bilhete escrito pelo machucado, antes de desaparecer por completo.

*Como resolvi um problema*: depoimentos de Maria Mijona<sup>2</sup> é a história de uma menina contada por ela mesma. A pequena é chamada de Maria Mijona pela prima Regina, o que provoca grandes atritos entre as duas. A protagonista tinha um problema de enurese e, depois de algumas tentativas de ajuda – da mãe, da avó e da professora –, ela mesma acabara sugerindo que precisava de um médico que a ajudasse a resolver seu problema. “Tintinho”, como o médico pediu que o chamasse, era um médico brincalhão e procurou estabelecer uma relação de cumplicidade com a menina. Ele a fez entender que ela não era diferente e que o problema dela era também de muitos outros. Usou a dificuldade de Regina, que não conseguia parar de roer as unhas, para fazê-la ver que há coisas que incomodam algumas pessoas e não incomodam outras. A so-

<sup>1</sup> ABRAS, Santuza. *Arranhão engavetado*. Il. de Rúbia Roberta. Belo Horizonte: LÊ, 1985. 15p. (Coleção Sapeco).

<sup>2</sup> HETZEL, Bia. *Como resolvi um problema*: depoimentos de Maria Mijona. Il. de Daniela Weil. São Paulo: Brinque Book, 1999. 52 p.

lução do conflito tem a participação de muitas personagens, mas o remédio quem fabrica é a própria menina: confiança, coragem e bom humor.

*A maldição do silêncio*<sup>3</sup> é a história de João, um menino pobre que tem uma infância limitada pela leucemia e morre no início da adolescência. O narrador é Ricardo, na época também um menino, que testemunhou e participou da luta de João contra a doença, no último ano de vida. Ricardo conhece João quando vai passar as férias de verão em Pedra Alta, na casa da avó, Dona Mariinha. É quando a acompanha a uma visita piedosa à família de João, que Ricardo conhece o menino doente, e os dois passam a conviver até o fim de fevereiro, quando Ricardo volta para São Paulo. A amizade fica, e Ricardo retorna a Pedra Alta sempre que pode. Branco, o irmão mais velho de João, é doente mental. O garoto tem a pele muito branca e cheia de feridas que exalam um cheiro desagradável, o que causa repugnância a Ricardo. Ele e o amigo deboçam de Branco, imitando-o e chamando-o de “Coisa”. O narrador confessa sua inconformidade com a condição de João, tão inteligente, mas com o corpo debilitado, ao contrário do irmão, que goza de saúde física, mas é mentalmente deficiente. O desenlace da história dá-se a partir da união das duas situações de doença.

*Estrelas tortas*<sup>4</sup> conta o que acontece na vida da jovem Marcella e na daqueles que a cercam, após o acidente que a deixa paraplégica. Ela tem em torno de treze anos e é a principal jogadora do time de vôlei da escola. A trama possui vários narradores. Guilherme, o irmão mais novo da menina, é o primeiro a assumir esse papel e conta que Marcella fora com a mãe visitar a avó em outra cidade. Ao retornar para casa, o carro fora atingido por um caminhão e a jovem tivera a medula afetada. Também servem de narrador, a mãe e o pai da menina, a amiga Mariana, o ex-namoradinho Bira, o novo amigo Emílio, a própria Marcella e a avó Gilda, que vem em auxílio da família.

*Sempre haverá um amanhã*<sup>5</sup> conta a trajetória de Mahara – deficiente mental –, desde seu nascimento até os dezoito anos. Ela é a terceira filha do casal Daniel e Samanta, que já tem André – com dez anos – e Tiago, com cinco. Pai e mãe são professores universitários e moram em uma casa simples. Daniel é o narrador-

<sup>3</sup> KUPSTAS, Márcia. *A maldição do silêncio*. Il. de Rodval Matias. 12. ed. São Paulo: Moderna, 1987. 100 p. (Coleção Veredas)

<sup>4</sup> CARRASCO, Walcyr. *Estrelas tortas*. Il. de Getúlio Delphin. São Paulo: Moderna, 1997. 92 p. (Coleção Veredas)

<sup>5</sup> NICOLELIS, Giselda Laporta. *Sempre haverá um amanhã*. Il. de Gisé. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1989. 71 p. (Coleção Veredas)



testemunha, e é a partir da percepção dele que o leitor toma conhecimento dos fatos e das dificuldades e sucessos da menina. É ele, também, quem percebe que a filha não se desenvolve como seus outros filhos e resolve buscar a ajuda de uma médica especialista que lhe explique o que ocorre com a menina.

*Meu amigo Down, na rua*<sup>6</sup> é narrado por uma criança que conta como vive e o que se passa com seu amigo portador da síndrome de Down, que, ao mesmo tempo em que é diferente, é igual às demais crianças, pois também gosta de *videogame*, de pular corda e de tomar refrigerante.

*Alguém muito especial*<sup>7</sup> também trata de Síndrome de Down. O narrador-testemunha explica que percebeu que os pais ficaram tristes quando o irmãozinho nasceu. Na época com apenas cinco anos, ele acostumou-se a brincar com China – como chama carinhosamente o irmão – e a aceitar suas dificuldades. Vê com serenidade a situação de China e percebe que, apesar de suas deficiências, ele sabe muitas coisas que pode ensinar.

*A AIDS e alguns fantasmas no diário de Rodrigo*<sup>8</sup> é narrado por um menino portador do vírus HIV. Ele revela algumas situações que ocorrem em seu cotidiano, que de alguma maneira se relacionam com sua condição de soropositivo. Rodrigo conta que não conheceu o pai, pois esse morrera quando ele tinha apenas seis meses de idade, deixando de herança para a mulher o vírus da AIDS, que ela, sem o saber, já transmitira ao filho, em seu nascimento.

*A corrente da vida*<sup>9</sup> é obra dedicada ao leitor infanto-juvenil. A história é narrada por uma amiga do doente, que inicia o relato após a morte do jovem. Raquel é colega de aula de Nelson no ensino médio e conta que o amigo descobriu que tinha AIDS quando a doença já estava em estágio avançado. Ao saber-se doente, Nelson decidiu com a família não contar a ninguém, com medo da reação negativa dos outros – o que acaba acontecendo. Assim como há o preconceito, há também os que, como Raquel e Marcelo – outro colega de Nel –, decidem ajudar o amigo, dar-lhe melhores condições de vida, e criam a corrente da vida, uma espécie de associação para angariar medicamentos e fundos para as despesas.

<sup>6</sup> WENECK, Cláudia. *Meu amigo Down, na rua*. Il. de Ana Paula. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1998. 21 p.

<sup>7</sup> PORTELA, Miriam. *Alguém muito especial*. Il. de Odilon Moraes. São Paulo: Moderna, 1998. 30 p.

<sup>8</sup> RIBEIRO, Jonas. *A AIDS e alguns fantasmas no diário de Rodrigo*. Il. André Neves. São Paulo: Elementar, 2001. 31 p.

<sup>9</sup> CARRASCO, Walcyr. *A corrente da vida*. Il. de Martinez. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1994. 79 p.

A AIDS entre os adolescentes também é o tema de *A vida é agora: ser jovem nos tempos da AIDS*,<sup>10</sup> história contada por dois narradores que se revezam. Um deles é onisciente e extradiegético. O outro é Fred – pertencente a uma turma de adolescentes acostumada a se divertir pelas noites de São Paulo – que começa a escrever a história para se distrair, enquanto está de cama, recuperando-se de uma doença oportunista decorrente da AIDS. Ele começa o relato retrocedendo cinco anos para contar como conheceu cada integrante da turma e como o comportamento adotado colocou alguns, como ele, em risco. A questão do preconceito é levantada, mas também há o grupo dos solidários que tenta ajudar os jovens doentes.

*Essa dor tem outro nome*<sup>11</sup> conta como a menina Laura consegue entender as dores que sente pelo corpo todo e livrar-se delas. A protagonista, em variadas ocasiões, queixa-se de dores que surgem e desaparecem sem um motivo aparente. Os pais, preocupados, levam a menina ao médico, que, após examiná-la, conclui que não há motivos para as queixas dela, e que aquelas dores têm outro nome. Laura combina com a mãe de avisá-la quando sentir alguma dor, para a qual as duas deverão procurar um outro nome. Assim, a menina começa a descobrir a origem de suas dores, que passam a se chamar medo, ciúme, raiva ou tristeza e acabam sumindo.

Em *Das Dores e Já Passou*<sup>12</sup> a dor é personificada. Das Dores é a personagem que provoca a dor nas crianças e Já Passou, seu irmão, não gosta de vê-las sofrerem e tenta levar-lhes a cura. A história é contada em terceira pessoa por um narrador onisciente e extradiegético que, de início, já esclarece que, apesar de terem nome de gente, as personagens são sentimentos que temos e, por isso, são invisíveis, assim como a casa deles. A narrativa conta as peripécias de Das Dores contra os garotos Beto e Juliana – ele atingido no dente e ela no estômago –, após saírem de uma festa de aniversário, e as tentativas de Já Passou para minimizar ou anular as diabruras da irmã.

Constatei que, em todas as obras examinadas, a doença é representada com otimismo, como algo que pode ser superado, através da cura ou da adaptação aos novos limites. Os casos de doença de *Arranhão engavetado*, *Como resolvi um problema*, *Essa dor tem ou-*

<sup>10</sup> MACIEL, Eliane. *A vida é agora: ser jovem nos tempos da AIDS*. Il. de Dartagnan. São Paulo: Moderna, 1999. 141 p.

<sup>11</sup> SERRA, Maria José de. *Essa dor tem outro nome*. Il. de Rosa Schettino. Belo Horizonte: Lê, 1995. 19 p.

<sup>12</sup> COSTA, Wagner. *Das Dores e Já Passou*. Il. de Negreiros. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1995. 31 p.



tro nome e *Das Dores e Já Passou* são relativamente simples e passíveis de cura. Nas demais obras, a doença-tema ou é irreversível ou tem mínimas chances de ser erradicada.

As histórias que se incluem no primeiro grupo destinam-se ao leitor-criança, entre seis e nove anos, que necessita vislumbrar uma solução para o problema, o que todas oferecem. Tanto as personagens infantis, quanto as adultas, encaram a doença naturalmente, como algo que pode acontecer na vida de qualquer um. Algumas personagens mudam seu ponto de vista no decorrer da história. É o caso de Maria Mijona que, de início, vê-se como vítima de sua situação, que a faz sentir-se inferior. Só depois da consulta ao médico a menina entende que outras crianças também têm dificuldades como ela e, a partir daí, aceita seu problema com tranquilidade, o que a ajuda no processo de cura. A mãe da menina também muda seu modo de pensar. Inicialmente reage como se doença fosse algo pejorativo e se ofende com a professora, quando essa sugere a consulta a um médico. Depois disso, ainda se manifesta surpresa e assustada, quando a própria filha lhe pede que a leve ao médico. Somente mais tarde acostuma-se com a idéia e aceita a situação da filha como um problema para o qual deve ser buscada uma solução. As duas crianças, personagens de *Das Dores e Já Passou*, também mudam de opinião durante a narrativa. Beto e Juliana, inicialmente, porque sentem muita dor, pensam que doença é algo horrível e irremediável. Depois de tratados, entendem que problema de saúde é coisa corriqueira e pode ocorrer com qualquer criança.

Ainda apreciei três outras obras destinadas ao leitor-criança, que se encontram no grupo que tematiza os problemas mais graves, para os quais não há um remédio que resolva a situação. Em *Meu amigo Down na rua*, a doença é mostrada com naturalidade, e é defendida a idéia de que a diferença da personagem doente deve ser aceita. *Alguém muito especial* igualmente transmite uma mensagem de otimismo, mostrando que qualquer pessoa tem algo a ensinar para os demais. Das personagens que estão presentes no diário de Rodrigo, todas mantêm um comportamento natural e esperam que a doença possa ser debelada, ainda que a longo prazo. O próprio Rodrigo que, de início, se mostra triste e vítima da doença, por fim, muda seu discurso e torna-se esperançoso e sonhador. Entendi que essas três obras salientam a idéia da necessidade de aceitação do doente pela sociedade.

É importante ressaltar que, em todas as obras destinadas ao leitor infantil, está presente o bom humor, componente que auxilia

na solução ou aceitação do problema de saúde, além de cativar o leitor.

As demais obras que tratam das doenças mais graves têm no leitor juvenil seu destinatário que, já em condições de fazer uma leitura crítica, tem a possibilidade de confrontar-se com situações presentes na realidade concreta e rever sua visão de mundo. Nessas histórias, as personagens doentes são adolescentes, a não ser no caso de Mahara, cuja trajetória de vida o leitor acompanha desde o nascimento. É também Mahara a única personagem das histórias juvenis analisadas que já nasce doente. Ela, por muito tempo, não é consciente de sua deficiência. Quando a percebe, vive um breve momento em que se revolta, mas logo aceita suas limitações e tenta ultrapassar suas dificuldades. Para as outras personagens da família de Mahara é mais difícil entender e aceitar a doença dela. A mãe é a única que se dá conta, desde o início, de que não há remédio para a situação e que a única coisa a fazer é lutar para conquistar o que for possível. Os irmãos – que sentem vergonha – e, principalmente, o pai – que sonhava uma vida maravilhosa para a filha – sofrem muito, mas, por fim, acabam entendendo que é preciso respeitar as diferenças e limitações. Em *A maldição do silêncio*, há duas perspectivas em relação à doença. As personagens adultas encaram-na como algo irremediável, contra o que não se deve lutar, enquanto as personagens jovens não desistem e lutam pela possibilidade de vencê-la. Em *Estrelas tortas*, tanto as personagens jovens, quanto as adultas, sofrem – umas mais, outras menos –, mas acabam entendendo que a nova condição física de Marcella é irreversível e que é necessário adaptar-se a ela. Apenas o jovem Bira, antigo namorado da menina, não consegue aceitar a nova realidade e se afasta dela. Nas outras duas obras, as personagens também estão divididas, no que diz respeito a seu posicionamento frente à doença. Os dois rapazes – Nel, de *A corrente da vida*, e Fred, de *A vida é agora* – sofrem com o comportamento dos que acreditam que a doença seja uma praga e os discriminam. Porém, tanto os próprios jovens doentes, quanto as outras personagens relevantes de cada uma das histórias, vêem a doença como algo que deve ser respeitado e tratado, e acreditam que o doente merece viver plenamente, dentro de seus novos limites.

Um ponto comum a todas as obras é a idéia de que a doença oferece limitações. Cristina não pode ir à praia por causa do machucado no joelho, e isso faz com que ela procure uma solução. Maria Mijona tem a vida escolar dificultada e não pode dormir na casa das amigas em função de seu problema de enurese. João carece de forças para realizar qualquer atividade e, além disso, sua



vida está com os dias contados. Marcella tem seus movimentos tolhidos, em decorrência da paraplegia que a atinge. Mahara possui um desenvolvimento mental deficiente, assim como o Amigo Down e o pequeno China, o que lhes dificulta ou impede de fazer as mesmas coisas que as demais crianças. Já Rodrigo, Nelson e Fred vivem o problema de uma doença que os estigmatiza, sendo discriminados e excluídos pela sociedade. Além disso, principalmente Nelson e Fred, estão desprotegidos frente aos elementos nocivos presentes na atmosfera e precisam controlar suas atividades para deles manter-se distantes. Quanto ao caso de Laura, as dores que ela sente fazem-na sofrer e tornam sua vida mais difícil, angustiada que ela fica, pensando que, a cada manifestação de dor, mais uma doença a está atingindo. Apesar de o problema de saúde que acomete Beto e Juliana ter um ciclo mais curto, eles sofrem intensamente e, naquele período, vivem exclusivamente a dor e o medo que têm dela.

Foi possível, também, identificar outros dois grupos em relação às personagens doentes. Há aquelas que já nascem com o problema de saúde, como Maria Mijona, Mahara, o amigo Down, China e Rodrigo, e que não conhecem uma situação de normalidade, ou seja, de pleno funcionamento de seus órgãos. Já Cristina, João, Marcella, Nelson, Fred, Laura, Beto e Juliana sofrem a doença a partir de uma circunstância que ocorre no curso de suas vidas. Portanto, conhecem a situação de normalidade e se ressentem muito mais pelas restrições decorrentes da doença.

Encontram-se muitas variações no que diz respeito aos narradores que contam as histórias analisadas. Os intradieéticos, presentes na maioria das obras, manifestam-se de maneiras variadas em relação à doença. Alguns, como em *Meu amigo Down na rua* e *Alguém muito especial*, encaminham a história com muito otimismo, procurando, com isso, levar o leitor a aceitar com mais facilidade a condição diferente e limitada que a doença provoca na personagem. Ao contrário, esse mesmo tipo de narrador pode apresentar um discurso derrotista, como em *Sempre haverá um amanhã*, em que o narrador-pai usa uma linguagem melodramática, carregada de ressentimentos, que denuncia o quanto se sente penalizado pela deficiência da filha, e que só vai ser suavizada no final. Não foi possível estabelecer uma relação entre a idade e o posicionamento dos narradores, pois em *Estrelas tortas*, a personagem adolescente Bira, quando assume o papel de narrador, também manifesta-se com pessimismo e não esconde a repugnância que lhe causa o estado em que se encontra a amiga.

Pude, porém, observar um comportamento padrão quando se trata de um narrador extradiegético e onisciente. Esse tipo de narrador, presente em *Arranhão engavetado*, *Essa dor tem outro nome*, *Das Dores e Já Passou e*, parcialmente, em *A vida é agora*, é extremamente otimista e, nas três primeiras histórias – destinadas ao público infantil –, manifesta-se com leveza e bom humor, mostrando aos pequenos que uma situação de doença é coisa corriqueira e pode ser resolvida, basta tentar. Na história de Fred e sua turma, o narrador imprime a seu discurso um tom fiel, neutro e livre de preconceitos, o que permite ao leitor adolescente contatar com a realidade da doença e posicionar-se.

A figura do médico tem participação intensa em metade das obras analisadas. Dentre elas, somente em *Das Dores e Já Passou* as crianças doentes negam-se a vê-lo, acreditando que ele possa causar mais dor. Apesar disso, depois de atendidos, compreendem que não tinham razão e mudam seu julgamento. Nas demais obras, observei unanimidade das personagens doentes – e também de seus pais – em considerar o médico um aliado na luta contra a doença. Em *Como resolvi um problemão*, Maria Mijona estabelece com “Tintinho” uma relação de confiança e intimidade e consegue superar suas dificuldades seguindo as orientações que ele lhe prescreve. É bom ressaltar que é ela quem pede à mãe que a leve ao médico. Antes de conhecer “Tintinho”, ela já é da opinião de que o médico pode ajudá-la.

Dr. Camargo é o médico que atende João quando a leucemia se agrava. O jovem segue as determinações do médico, pois acredita que elas possam ajudá-lo a driblar a doença. Seu Ambrósio e Dona Rica, pais de João, confiam muito no médico, que é tido em boa conta também por Dona Mariinha. Somente Ricardo, o amigo e narrador – que no momento do relato é médico quase formado – não confia em Dr. Camargo e questiona seu comportamento e suas orientações.

Mahara mantém uma relação de afeto com a Dra. Lúcia, médica especialista que a atende desde pequenina e que detecta sua deficiência. Daniel e Samanta confiam muito na médica e estão satisfeitos com o trabalho dela.

Em *A vida é agora*, Fred recebe muito apoio do Dr. Juarez, médico que coordena o grupo de auxílio aos portadores do vírus da AIDS, e o considera um amigo em quem pode confiar. Laura também recebe grande ajuda do médico que a examina e mostra confiar nele, pois reflete sobre suas palavras, que acabam levando-a a descobrir a solução para seu problema.



As obras evidenciam que conviver com a doença, superá-la e tratá-la exige recursos financeiros. Em metade das histórias examinadas, a doença é problema que se soma à falta de dinheiro e dificuldade ainda mais a situação econômica. Isso se observa nas situações em que a doença tematizada é grave e exige tratamento por um longo período ou permanentemente. Em *A maldição do silêncio*, a família de João já era pobre quando Branco nasceu e exigiu dedicação exclusiva da mãe, em função de seu problema mental. Dona Rica, então, não pode sair para trabalhar, o que poderia aumentar a renda da família. Assim, quando João é acometido pela leucemia, a situação da família se agrava, pois o menino, além de cuidados, necessita de remédios caros.

Em *Estrelas tortas*, a família de Marcella não é tão pobre como a de João, mas vive com um orçamento apertado em uma casa modesta. Mãe e pai trabalham muito para dar estudo adequado aos filhos e pagar as contas da casa. A nova condição física da menina, que se torna muito dependente, requer a presença de outra pessoa que a ajude, além de acarretar gastos com cadeira de rodas e fisioterapia. Isso obriga os pais a trabalharem mais para aumentar a renda familiar, deixando as tarefas domésticas e de acompanhamento da jovem a cargo do irmão e da avó, que vem em socorro.

Na vida da família de Mahara, o dinheiro também é curto e, quando é detectado o problema na menina, surgem despesas extras com exames caros e médicos. Mahara necessita de cuidados constantes e, além disso, a escola especial que frequenta é cara e pesa no orçamento familiar.

Rodrigo, em seu diário, também reclama da falta de dinheiro. A família já era pobre, e a condição de doença em que se encontram ele e a mãe torna mais difícil a situação e a obriga a trabalhar de madrugada no supermercado para aumentar sua renda.

Em *A corrente da vida*, a família de Nelson também sofre com o preço dos remédios de uso contínuo de que ele necessita. Além disso, as frequentes visitas ao médico e as internações que o convênio não cobre afetam seriamente a situação econômica já precária da família, que só consegue sustentar o tratamento com o auxílio dos amigos que organizam uma corrente para angariar fundos.

O caso de Fred não é diferente. A família sofrera financeiramente quando o pai os abandonara. É com a ajuda dos avós – com quem passa a viver – e do grupo de apoio aos portadores do vírus que consegue se manter e seguir com o tratamento.

Por fim, cabe ressaltar que há uma unanimidade nas obras analisadas com relação à figura do doente. Todas elas representam

a criança doente como uma criança comum, nem inferior, nem superior às demais. As diferenças entre as pessoas, normalmente existentes, são salientadas, e o indivíduo doente é visto apenas como diferente. A doença não é supervalorizada, nem desmerecida; é tratada como algo que deve ser respeitado e cuja cura deve ser buscada. Também são promovidas a aceitação e a adaptação aos limites impostos pela nova condição do doente, quando a possibilidade de cura não existe.

## Referências

- ARISTÓTELES. Poética. In: ———. *Tópicos. Dos argumentos sofisticos. Metafísica. Ética e Nicômaco*. Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1973. v. 4. (Col. Os Pensadores)
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- HELMAN, Cecil. *Cultura, saúde e doença*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- . *Mimesis e modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- MAGUIRE, Peter. Aspectos psicológicos e sociais das doenças malignas da infância. *Anais Nestlé*, 41/1, p. 32-43, 1985.
- SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- VIGOSKII, Lev Semenovich. *La imaginación y el arte em la infancia*. Madrid: Akal, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 1982.
- ; MAGALHÃES, Lígia Cadermatori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.